

Dossiê

**Formação e ensino de História da Psicologia
em países ibero-americanos****Ensino de História da Psicologia na UERJ: Um relato de
experiência a partir do Estágio Docente da
Pós-Graduação****Teaching the History of Psychology at UERJ: an experience report from
Graduate Teaching Internship****Isabella Oliveira dos Santos** <https://orcid.org/0009-0001-9581-3543>**Ana Maria Jacó-Vilela** <https://orcid.org/0000-0002-0728-8700>Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil**Resumo**

Buscamos apresentar neste artigo as disciplinas de História da Psicologia oferecidas no curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a prática do aluno de pós-graduação que cumpre o estágio em docência. Apresentamos uma revisão bibliográfica sobre a história da pós-graduação em Psicologia no Brasil e o atual momento da História da Psicologia no país não só como área, mas como disciplina obrigatória em cursos de graduação. Por fim, apresentamos um relato de experiência acerca do estágio, pensando nas aproximações e nos distanciamentos entre as formações (graduação, pós-graduação) com a História da Psicologia. Concluímos que ao relatar as experiências de uma estagiária docente e examinar as estruturas da pós-graduação brasileira, compreendemos a importância das disciplinas históricas na formação em Psicologia, destacando a necessidade de uma formação docente contextualizada e crítica para superar as limitações dos cursos de pós-graduação.

Palavras-chaves: história da psicologia; pós-graduação em psicologia; estágio docente.

Abstract

We aim to present in this paper the History of Psychology courses offered in the Psychology program at the State University of Rio de Janeiro and the practice of graduate students undertaking teaching internships. We provide a literature review on the history of graduate studies in Psychology in Brazil and the status of the History of Psychology in the country, not only as a field of study but also as a mandatory discipline in undergraduate programs. Finally, we share an account of a teaching internship experience, reflecting on the connections and divergences between undergraduate and graduate training in relation to the History of Psychology. We conclude that by reporting the experiences of a teaching intern and examining the structures of Brazilian graduate education, we understand the importance of historical disciplines in Psychology education, emphasizing the need for a contextualized and critical teaching preparation to overcome the limitations of graduate programs.

Keywords: history of psychology; graduate studies in psychology; teaching internship.

Resgatar a trajetória do ensino nacional da História da Psicologia nos leva ao exercício de entendê-la como um produto social e histórico dos momentos em que se produziu. Em concordância com Antunes (2012), entendemos que a constituição da Psicologia no Brasil emerge ainda como saberes psicológicos no período do Brasil Colônia, em relação ao qual Massimi (2001) aponta para uma construção de uma Psicologia filosófica e de uma “medicina da alma”, propagadas pela Companhia de Jesus. Passado o momento de ‘catequizar o Brasil’, o problema era outro.

Como capital do Império, o Brasil abre as portas para várias novas influências, entre elas a do Positivismo. Esta corrente filosófica possibilitou, por sua vez, a realização de intercâmbios de diferentes ordens, inclusive intelectuais. A partir deste movimento, a busca por uma sociedade ideal passa a se estabelecer fundamentada em moldes científicos da época, onde os saberes psicológicos se alicerçam não mais na Igreja, mas principalmente na Medicina e na Educação como ferramenta para uma transformação (ou higienização?) social (Antunes, 2012).

Neste novo momento, situado na virada do século XIX para o XX, juntamente ao advento da República se estabelecem ações que pelo menos tentariam reconfigurar todo o modelo de existência da nação. Como apontam Schwarcz e Starling (2018), era preciso urbanizar as cidades, higienizar os espaços, corpos e mentes e educar uma nova geração. Era, portanto, tempo de “regenerar”. O higienismo como projeto político de desenvolvimento da nação levou a aliança médico-pedagógica – e seu acessório: a Psicologia – para o discurso de construção deste país em transformação.

Jacó-Vilela (2012) aponta que, no contexto político citado acima, para o Estado, a Educação se torna um meio de formar o adulto do futuro e a Psicologia teria sua contribuição encontrando espaço na *Biblioteca de Educação*, idealizada por Lourenço Filho nos anos de 1930 e publicada pela Editora Melhoramentos com a finalidade de trazer para o país alguns debates acerca da Educação estabelecidos no exterior. Nesta biblioteca, a presença da Psicologia se estabelece a partir de livros de Binet e Simon, Piéron e Claparède, nomes da Psicologia francesa que já demarcam qual prática psi era proposta nesse momento, vinculada ao que era experimental.

Se nas primeiras décadas do século XX, a Psicologia se apresenta em um lugar de ciência acessória, já nos anos de 1940 começa a se autonomizar. A segunda metade do século passa a exigir mais desses saberes alocados a outras profissões, pois a sociedade brasileira caminhava rumo à industrialização e necessitava de formação de mão-de-obra qualificada para o trabalho industrial. Logo, o país precisava de uma Psicologia científica e, sobretudo, técnica. Para isso, foi preciso pensar na ampliação da formação acadêmica, que vem a se tornar uma esperança de crescimento das classes médias e urbanas (Bomfim, 2003).

Com os avanços nacionais rumo a uma modernidade quase utópica que se pensava para o Brasil, emergiam também as discussões em prol da regulamenta-

ção da Psicologia enquanto profissão que desemboca na Lei nº 4.119, de agosto de 1962. Entretanto, pouco depois, o incentivo à educação privada nas décadas de 1960 e 1970 fez com que o ensino de Psicologia crescesse muito quantitativamente. A formação estava regulada pelo Currículo Mínimo aprovado pela Resolução nº 28 de 1962 do Conselho Federal de Educação. Neste currículo, ficava determinado um conjunto de matérias entendidas como indispensáveis para a formação do psicólogo, que não englobava o ensino específico da História da Psicologia e, para além, apresentava uma ausência de maneira geral de disciplinas da área das Ciências Humanas e uma ênfase à perspectiva experimental, oriunda das Ciências Exatas (Xavier & Miez, 2022).

Ainda sobre este Currículo Mínimo, Seixas (2014) aponta que sua construção é caracterizada principalmente a partir de uma influência do modo de fazer ciência positivista, entendendo a técnica como aplicação da teoria em um sujeito descontextualizado. Esta orientação na formação em Psicologia passa a ser criticado a partir dos anos 1970 e ganha força no período de redemocratização do Brasil, quando a Psicologia começa a descentralizar sua atuação nas três grandes áreas construídas historicamente: clínica, trabalho e escola. Ocupando novos lugares, era preciso pensar em ocupar a formação com novas orientações.

Em 1996, se regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei nº 9.394/96), reorganizando todo o sistema educacional brasileiro e substituindo os currículos mínimos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que buscam “orientar, organizar e estruturar os currículos dos cursos de graduação em Psicologia do país, respeitando as particularidades de cada curso” (Xavier & Miez, 2022, p. 13).

As primeiras DCNs de Psicologia foram implementadas em 2004 buscando pensar em uma perspectiva mais plural em relação à atuação do psicólogo principalmente frente à sociedade, enfatizando a responsabilidade social na formação. Neste momento, a disciplina de História da Psicologia ganha seu espaço, pois, de acordo com as DCNs, a formação em Psicologia deveria ser composta a partir de eixos, onde o eixo 1 se caracteriza pela apresentação dos *Fundamentos epistemológicos e históricos* visando proporcionar ao estudante o conhecimento das bases epistemológicas que fundamentam a construção do saber psicológico, desenvolvendo a capacidade de avaliar criticamente as diferentes linhas de pensamento em Psicologia (Brasil, 2004).

Em 2023, o Ministério da Educação publicou uma versão atualizada das DCNs de Psicologia, que foi construída em caráter colaborativo entre o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP), entre outras entidades da Psicologia. No que compete às principais diferenças entre o primeiro e o último documento, este amplia as possibilidades de ênfases curriculares, permitindo uma formação mais diversificada e adaptada às necessidades atuais brasileiras (Brasil, 2023).

Neste artigo, procuramos fazer uma interlocução entre as disciplinas de História da Psicologia ofertadas no curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o modo de atuação do estudante de pós-graduação frente à vivência do estágio em docência. O levantamento de informações referentes às disciplinas de História da Psicologia apresentadas no decorrer do texto foi coletado a partir de artigos e capítulos de livros que abordam a trajetória da formação de Psicologia na UERJ, além do acesso às próprias ementas das disciplinas¹. Apresentamos então uma revisão bibliográfica sobre a história da pós-graduação em Psicologia no Brasil e da História da Psicologia no Brasil não só como área, mas como disciplina obrigatória em cursos de graduação. Por fim, apresentamos as vivências acerca do estágio, pensando nos encontros e desencontros destas formações – graduação e pós-graduação – com a História da Psicologia.

Para sustentar reflexões acerca dessa experiência, o artigo aborda aspectos relevantes sobre o ensino de História da Psicologia e da pós-graduação no Brasil, contextualizando a disciplina como parte de um campo em constante transformação. Nosso trabalho é descritivo e recai sobre as disciplinas de História da Psicologia atualmente vigentes no currículo do curso de Psicologia da UERJ, utilizando as ementas e materiais disponíveis como ponto de partida para discutir as relações entre formação docente e os conteúdos da área.

A história da pós-graduação em Psicologia no Brasil

Neste artigo, vamos entender a história da pós-graduação a partir da periodização proposta por Silva (2009), que divide sua constituição no Brasil em cinco etapas no período entre 1931 e 2004. Demarcarmos dentro dessa periodização momentos importantes para a construção da pós-graduação em Psicologia, que se constitui em paralelo ao crescimento da pós-graduação no país.

Na primeira fase, estabelecida entre os anos de 1931 e 1965, Silva (2009), aponta que a principal característica da pós-graduação era a “coexistência de modelos diferenciados de pós-graduação no país e pela falta de centralização, controle e orientação por parte do governo em relação a esses cursos” (p.1). Essa primeira fase é marcada pela constante tentativa de consolidar algum modelo de pós-graduação no Brasil, principalmente a partir de convênios entre universidades dos Estados Unidos e do Brasil, para possibilitar intercâmbios entre alunos, pesquisadores e professores (Santos, 2003). Na Psicologia, esse é um movimento característico que podemos perceber na própria formação de pioneiros que foram realizar suas formações em nível de pós-graduação fora do país, como Annita de

¹ Este acesso aos documentos localizados na Secretaria do Curso de Psicologia foi realizado em 2023, quando uma das autoras do artigo coletou o material documental para a escrita de sua dissertação de mestrado sobre a disciplina de Psicologia Social no Instituto de Psicologia da UERJ. Nesta pesquisa, teve acesso não apenas às disciplinas de Psicologia Social, mas também a outras disciplinas do curso de Psicologia.

Castilho Cabral (1911-1991)², Eliezer Schneider (1916-1998)³, Aroldo Rodrigues (1933-)⁴, Carolina Bori (1924-2004)⁵, entre outros.

O movimento da modernização do Brasil estabelecido a partir de um contexto de “integração” aos países centrais intensifica o processo de criação da pós-graduação no país, sobretudo como uma pós-graduação dependente. Neste sentido, Santos (2003) afirma que esse estabelecimento de uma “ciência de reprodução” foi implantado nas universidades brasileiras visando a modernização de uma elite intelectual que buscavam aproximar o Brasil o máximo possível dos países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos, com o qual foi celebrado o famoso Acordo MEC-USAID, que gerou a Reforma Universitária de 1968. Essa principiante valorização da pós-graduação é firmada a partir do Parecer nº 977/65, conhecido como o Parecer Sucupira, onde se estabelece enfim a implantação formal dos cursos de pós-graduação no Brasil conforme o modelo norte-americano. Nas palavras de Santos (2003):

A pós-graduação stricto sensu dar-se-ia em dois níveis independentes e sem relação de pré-requisitos entre o primeiro e o segundo (mestrado e doutorado). A primeira parte dos cursos seria destinada a aulas e a segunda à confecção do trabalho científico de conclusão (dissertação ou tese). Os currículos seriam compostos conforme o modelo norte-americano, que compreendia o major (área de concentração) e o minor (matérias conexas) (p. 630).

Esse vínculo que apontamos com o modelo de fazer ciência norte-americano não é feita apenas pela interpretação subjetiva do parecer, pois, em seu próprio texto, o idealizador do parecer, Newton Sucupira (1920-2007), aponta para essa ligação com os Estados Unidos no capítulo do parecer chamado *Um exemplo de pós-graduação: a norte-americana*.

Já na segunda fase, que ocorreu entre 1965 e 1979, Silva (2009) considera que esta se caracteriza pelo processo de institucionalização, por meio da regulamentação e expansão da pós-graduação no país. É dentro deste período que surgem os primeiros cursos de pós-graduação em Psicologia no Brasil. Embora já existissem cursos de pós-graduação no Brasil e embora já existissem também pesquisas no campo da Psicologia, como no Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort) e o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (Isop) – fortemente vinculadas à prática do que era conhecido como Psicotécnica –, o primeiro curso a nível de pós-graduação stricto sensu da Psicologia foi criado em 1966 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob coordenação do

² Entre 1942 e 1943 desenvolveu sua dissertação de mestrado na Graduate Faculty, New School for Social Research, nos Estados Unidos da América.

³ Schneider obteve o título de mestre em Psicologia pela Iowa University em 1947.

⁴ Em 1959, Aroldo Rodrigues obteve o título de mestre em Psicologia pela University of Kansas e, em 1966, obteve o título de doutor pela University of California.

⁵ Bori defendeu seu mestrado, em 1952, na Graduate School of the New School for Social Research.

Pe. Antonius Benko. O mestrado da PUC-Rio era oferecido a partir de duas linhas de pesquisa: Psicologia Aplicada à Clínica e Psicologia Experimental, onde as dissertações deveriam ser produzidas a partir de pesquisas empíricas, o que nos conta muito sobre sua base teórica, convergindo com a influência da forma de se produzir ciência norte-americana, a qual já apontamos acima (Féres-Carneiro, 2007).

Segundo Menandro e colaboradores (2023), apesar do pioneirismo da PUC-Rio, a área de Psicologia só foi credenciada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 1970, cadastrando cursos apenas de mestrado. Dentro deste recorte que compõe a segunda fase da pós-graduação brasileira, foram criados 14 cursos de mestrado, espalhados pelo Sul, Sudeste e Nordeste do país e três cursos de doutorado, se concentrando apenas no eixo Rio-São Paulo (Menandro et al., 2023).

Neste sentido, a terceira fase da institucionalização da pós-graduação no Brasil ocorreu entre os anos de 1982 e 1985, confluindo com o período de vigência do segundo PNPG, sendo caracterizada principalmente pela expansão dos cursos e a manutenção de normas e princípios da pós-graduação. É neste período, especificamente em 1982, que é criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). No momento em que já existiam 19 programas de pós-graduação em Psicologia no Brasil, era preciso organizá-los.

A ANPEPP então é criada, a partir da reunião dos coordenadores dos programas e dos gestores da CAPES e CNPq, para cumprir com os objetivos de incentivar à formação de pesquisadores em Psicologia e ao desenvolvimento de pesquisas na área; defender os interesses e promoção dos cursos e programas de pós-graduação em Psicologia no país; divulgar trabalhos científicos produzidos em encontros, seminários, congressos e reuniões relevantes para a Psicologia; promover intercâmbios e cooperação entre centros de pesquisa e seus pesquisadores; e, por fim, propor medidas de apoio e incentivo a entidades filiadas (Macedo, 2011).

No momento em que se desenvolve a quarta fase, de 1986 a 1989 apontada por Silva (2009), a pós-graduação em Psicologia se estabelece a partir de uma entidade que se propõe a regular as iniciativas dos programas, passando a demonstrar um certo compromisso e rigor diante do cenário acadêmico, que muitas vezes demarcava a desorganização como característica do campo das Ciências Humanas (Macedo, 2011). Esta fase é caracterizada também pela abertura política do país com o fim da ditadura civil-militar e, como resultado desse fato, a flexibilização crescente na estrutura dos programas no que tange às abordagens teóricas e concepções de pesquisa.

Por fim, na quinta fase, vigente de 1990 a 2004, é quando se cria o Curso de Mestrado em Psicologia e Práticas Socioculturais do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o embrião do que hoje conhecemos como Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Durante seu último ano como diretor do Centro de Educação e Humanidades da UERJ, o professor Celso Pereira de

Sá (1941-2016), em conjunto com outros professores do IP e de professores dos recém extintos Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) e Instituto Superior de Estudos e Pesquisas em Psicologia (ISOP), ambos da Fundação Getúlio Vargas, funda o Curso de Pós-graduação em Psicologia, a nível de mestrado, com área de concentração em Psicologia e Práticas Socioculturais (Deliberação nº 003/91).

Com o curso de pós-graduação, o Instituto de Psicologia começa a se estabelecer também como produtor de pesquisas perante a comunidade acadêmica. O corpo docente e a estrutura curricular demarcavam o curso de mestrado como um ambiente de multiplicidades teóricas, onde nas disciplinas eletivas poderiam encontrar propostas que partiam desde a Esquizoanálise até a Análise Comportamental de Práticas Socioculturais.

Esse crescimento da pós-graduação não só na UERJ como a nível nacional, embora tardio se comparado aos grandes centros de pesquisa, se justifica ao passo em que as práticas de pesquisa se aproximavam das demandas que emergiam da realidade social brasileira (Tourinho & Bastos, 2010). Ao entender estes focos teóricos dos programas de pós-graduação, Yamamoto (2006) aponta que, ao contrário da centralização teórica da organização do ensino da pós-graduação, o ensino a nível de graduação se apresenta em alto nível de generalidade. Esse tópico se faz importante ao encontrar com o nosso objeto neste artigo – a experiência do estágio docência – quando percebemos que nas disciplinas da graduação a História da Psicologia é apresentada de forma muito mais abrangente se comparado ao ensino da área na pós-graduação, onde o foco das pesquisas estão, em teoria, focados na multiplicidade da Psicologia Social.

A disciplina de História da Psicologia no currículo da UERJ

O curso de graduação em Psicologia da UERJ foi criado em 1964 a partir de uma proposta do professor Hans Ludwig Lippmann à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da até então Universidade do Estado da Guanabara⁶.

No primeiro currículo do curso encontrado por Jacó-Vilela e colaboradores (2019), não conseguimos identificar nenhuma disciplina que abordava diretamente a História da Psicologia, o que se justifica quando lembramos do teor da formação em Psicologia à época, especificamente na UERJ. Neste momento, estava presente na UERJ a visão do utilitarismo na Educação, pensando em um ensino voltado diretamente para a capacitação de mão de obra para o mercado de trabalho, caracterizando a formação a partir de um viés tecnicista (Mancebo, 2016). Em paralelo, a Psicologia vivia uma fase pós regulamentação onde sua formação valorizava o campo da Psicologia prática, entendendo que a pesquisa ainda não tinha um lugar bem estabelecido no Brasil. As áreas tradicionais – e mercadológicas – da Psicolo-

⁶ Nome da UERJ entre os anos de 1961 e 1975.

gia também demandavam desses profissionais que começaram a surgir não mais como dependentes de outras profissões, mas como psicólogos.

Jacó-Vilela e colaboradores (2019) afirmam que, se o primeiro currículo do curso de Psicologia for comparado ao currículo mínimo aprovado pelo Parecer nº 403/62, há uma adequação de propósitos bem ajustada, onde o paradigma positivista de usar o conhecimento como mecanismo para individualização dos sujeitos e dos fenômenos estava posto nas disciplinas. Neste contexto, que lugar útil teria a História da Psicologia para uma formação?

Sua presença só é notada nos currículos de Psicologia da UERJ a partir de 1976 com as disciplinas “Introdução histórica a Psicologia I” e “Introdução histórica a Psicologia II” apresentadas respectivamente nos 1º e 2º períodos. Já no currículo implantado em 1991, as disciplinas, ainda apresentadas nos dois primeiros períodos do curso, passam a ser chamadas pelos títulos de “História da Psicologia I” e “História da Psicologia II”. Percebemos que a História da Psicologia vai ganhando espaço ao longo das últimas décadas do século XX, acreditamos que isto ocorre em decorrência do espaço que a própria profissão vai ganhando num contexto mais comprometido socialmente.

A última mudança curricular vigente até os dias atuais, as disciplinas de História da Psicologia novamente ganham novas roupagens e se intitulam “Emergência e constituição da Psicologia Científica”, que corresponde a “História da Psicologia I” e “A Psicologia do século XX e a contemporaneidade”, correspondente à “História da Psicologia II”. A primeira disciplina, como no título já é apresentado, tem como objetivo compreender o processo de constituição da disciplina científica e sua separação dos demais saberes, busca também analisar a constituição da Psicologia como disciplina no mundo ocidental e, por fim, busca apresentar aos discentes as formas de recepção da Psicologia no Brasil, entendendo como essa disciplina foi adaptada e incorporada ao contexto brasileiro. Já, na segunda disciplina citada, o objetivo central é compreender a diversidade teórica, metodológica e prática da Psicologia. É neste momento que as disciplinas se tornam uma das atividades do Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché.

Este desenvolve, desde a sua criação, projetos de pesquisa e extensão com um corpo discente composto por alunos de graduação e pós-graduação. Para além das pesquisas, o Clio-Psyché também funciona como um lugar de referência em relação ao cuidado de acervos de personagens da Psicologia no Rio de Janeiro, contando atualmente com os acervos de Jayme Grabois (1908-1990), Eliezer Schneider (1916-1998), Emílio Mira y Lopez (1896-1964), Celso Pereira de Sá (1941-2016), Isabel Adrados (1919-2022) e recentemente, recebemos o acervo da professora Heliana de Barros Conde Rodrigues (1949-2024), que participou da fundação do Clio-Psyché em 1998. Além destes, temos o acervo Farias Brito (1862-1917), filósofo importante para a Psicologia.

Estágio docente: quando um mestrandinho vai à sala de aula

Buscando então entender o lugar do qual nos propomos a escrever este texto, refletimos sobre a função do estágio docente na formação do pós-graduando. Embora o estágio supervisionado como uma experiência profissional orientada por um superior seja uma atividade inaugurada no Brasil na década de 1940 (Joaquim et al., 2013), na pós-graduação stricto sensu a atividade de estágio docente só emerge em 1999 quando a CAPES instituiu sua obrigatoriedade para os estudantes contemplados com bolsas. Neste sentido, o estágio docente é uma atividade curricular obrigatória que busca oferecer ao pós-graduando o exercício da prática pedagógica de ensino.

De acordo com o Manual do Estudante do PPGPS, o estágio docente é uma atividade obrigatória para todos os estudantes dos cursos de mestrado e doutorado. As funções do estagiário docente, de acordo com o manual, consistem em ministrar aulas (15h de aula para mestrado e 30h de aula para doutorado), bem como exercer outros trabalhos docentes como correção de trabalhos, planejamento de aulas e afins, desde que combinadas com o orientador e supervisor da disciplina.

Um problema inicial quando vamos para a sala de aula é a ausência de uma formação específica de docência no programa didático dos cursos de mestrado e doutorado. Bastos e colaboradores (2011) apontam que essa ausência constante das implicações da docência na Psicologia se relaciona diretamente ao imaginário em que, ao falarmos de professores, lembramos primeiro de professores da educação básica, esquecendo que o que fazemos em sala de aula também é uma aplicação da educação. Neste sentido, concordamos com Inácio e colaboradores (2019), ao afirmarem que existe uma separação entre a formação de pesquisador e a formação de docente. Neste sentido, se faz importante refletir sobre

Em que medida os nossos programas de pós-graduação, ao priorizarem as habilidades de condução de pesquisas, não se tornam responsáveis, por certo não intencionalmente, por reproduzir e perpetuar a crença de que para ser professor basta conhecer a fundo determinado conteúdo ou, no caso específico do ensino superior, basta ser bom pesquisador? (Bastos et al., 2011, p. 1154).

Na busca por aproximar estas duas formações que nem sempre andam juntas, a mestrandona autora deste artigo cursou, em paralelo ao primeiro semestre do estágio docente, uma disciplina ofertada pelo PPGPS que buscava apresentar aos discentes uma oficina em docência, que serviu como uma espécie de treinamento para aproximar os alunos da prática em sala de aula. Sendo apresentada no formato dinâmico de oficina, a disciplina tinha um caráter prático onde era incentivado que o aluno pensasse e praticasse. A princípio, foi-nos apresentada a teoria e, no decorrer do semestre, pudemos escutar relatos de experiência de docentes e, por fim, preparamos um plano de aula para um período completo.

O estágio docente nas duas disciplinas de História da Psicologia começou antes do semestre, quando estagiários e o professor das disciplinas planejaram, a partir de um plano geral e da ementa, como funcionaria o período. Essa abertura

a novas ideias possibilita que a disciplina, mesmo cumprindo com os objetivos curriculares obrigatórios, tenha sempre um caráter atual adaptado às demandas que podem surgir dos pós-graduandos, bem como dos alunos da graduação, que no primeiro dia de aula são apresentados ao plano do semestre e podem fazer sugestões.

A seguir, buscamos apresentar as disciplinas, os conteúdos e o desenvolvimento das aulas.

A disciplina "Emergência e Constituição da Psicologia Científica" apresenta a História da Psicologia em seus momentos iniciais como disciplina científica, bem como os embates epistemológicos, explorando as condições de sua emergência e consolidação. As aulas ministradas ao longo do semestre são estruturadas visando proporcionar para o aluno recém-chegado uma compreensão profunda e abrangente desse processo. Iniciamos o período com a aula "A Psicologia e seus objetos" onde introduzimos os diversos objetos de estudo da Psicologia, destacando as diferenças e aproximações entre eles. Esta primeira aula é importante para apresentar aos calouros a complexidade da Psicologia. Em seguida, na aula "A Historicidade do Fenômeno Psicológico", exploramos como o conceito de fenômeno psicológico evoluiu ao longo da história, do tempo e da cultura.

Em "A Alma entre os Gregos e no Período Medieval e Concepções de Pessoa e Práticas de Cuidado de Si", analisamos as concepções de alma na filosofia grega e no pensamento medieval, buscando a compreensão dos modelos diferentes de Pessoa em cada um destes momentos históricos. Como material complementar a essa aula, apresentamos no plano de aula a possibilidade de acessar vídeos disponibilizados no canal do Youtube do Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação da UERJ, onde podemos encontrar uma série de vídeos gravados pela professora Ana Maria Jacó Vilela sobre concepções de pessoa e a emergência do mundo moderno. Essa apresentação se torna válida quando pensamos no conhecimento produzido também em momentos extraclasse.

Na aula sobre "O Indivíduo Moderno e sua Constituição: Renascimento, Revolução Científica, Reforma e Capitalismo", apresentamos como o indivíduo moderno foi moldado por grandes transformações sociais, culturais e econômicas. Já em "Racionalismo, Empirismo e o Problema do Conhecimento", discutimos sobre essas correntes filosóficas que influenciaram a constituição da Psicologia enquanto ciência. Nesta aula, os alunos se preparam para fazer um debate Racionalistas versus Empiristas onde a sala é dividida em dois grandes grupos que argumentam a favor da corrente escolhida.

Nas aulas sobre "Ciência Moderna e a Experimentação", "A Psicologia Alemã: Wilhelm Wundt e o Estudo Experimental da Consciência", "Iluminismo, Romantismo e Sociedade Disciplinar", "A Psicologia Diferencial: Psicologia Comparada e Evolutionismo Social" e "Antropologia Biológica e Criminologia na Psicologia Italiana", começamos a pensar com os alunos a respeito da importância da experimentação e da quantificação e medição do indivíduo para a emergência da Psicologia no século

XIX.

Em sequência, apresentamos a aula sobre “Funcionalismo e o Movimento da Psicologia Aplicada”, analisando como se desenvolve essa escola de pensamento e suas implicações na prática em Psicologia. Estudamos também as contribuições francesas para a Psicologia na aula “A Psicologia Francesa: o Alienismo e as Terapêuticas Psíquicas” e com esse tema nos aproximamos da realidade brasileira na aula “Brasil-Colônia: a Psicologia da Alma” investigando as concepções de alma no contexto colonial brasileiro, enquanto na aula sobre “Colonização e Formação Cultural Brasileira” propomos pensar a respeito dos impactos da colonização na construção cultural e como as ideias psicológicas eram introduzidas nesse contexto, pensando ainda numa Psicologia que mais se aproximava do clero do que da ciência.

Aproximando-nos da conclusão da disciplina, na aula sobre “Colonização, Modernidade e Epistemicídio”, discutimos os efeitos da colonização na formação epistêmica do Brasil e a marginalização e apagamento de saberes locais. Para debater sobre a emergência do cérebro e o declínio das noções de cuidado com a alma, a aula “Século XIX: Alma versus Cérebro e a Medicina Imperial” examina as teorias psicológicas do século XIX, além do contexto da Medicina construída no Brasil Imperial, discutindo uma importante questão apresentada por Schwarcz (1993) sobre uma medicina que se disponibiliza a tratar um ‘país doente’, discurso majoritariamente atravessado por questões de raça.

A evolução da Psiquiatria e do Alienismo no século XIX e seu impacto na constituição da Psicologia científica é analisada na aula “A Psiquiatria e o Alienismo, “Higienismo e Evolucionismo: O Projeto de ‘Nação Moderna e a Psicologia Científica’”. Finalmente, na última aula da disciplina, examinamos as contribuições de Nina Rodrigues e Manoel Bomfim para o desenvolvimento do pensamento psicosocial no Brasil, trabalhando questões sobre a teoria do Parasitismo Social estabelecida por Bomfim e discutindo as propostas eugênicas de Rodrigues. Neste sentido, as aulas da disciplina do primeiro período buscam proporcionar aos discentes uma visão crítica dos fatores históricos, culturais e epistemológicos que moldaram a Psicologia contemporânea.

A disciplina “Psicologia do século XX à Contemporaneidade”, apresentada como uma sequência a disciplina já detalhada acima, oferece ao aluno a possibilidade de analisar a evolução da Psicologia ao longo do século XX até os dias atuais, destacando eventos, teorias e transformações relevantes.

Iniciamos a disciplina com a aula “Como se Faz a História da Psicologia?”, onde as referências teóricas nos ajudam a pensar na importância do atravessamento social na História da Psicologia, onde discutimos sobre o trabalho de historiadores da Psicologia para documentar e interpretar dados e eventos que sejam relevantes para a história da profissão. Em seguida, exploramos com a aula “O Século XX e a Psicologização da Vida e da Sociedade”, a proposta da Psicologia

em criar e transformar diversas ideias e fenômenos em termos psicológicos e a influência dessa construção de um saber que controla em diversas áreas da vida e da sociedade, incluindo educação, trabalho, saúde.

Na aula "Teorias e Sistemas Psicológicos do Século XX (Um Panorama Histórico)", buscamos apresentar em sala de aula as diferentes abordagens e escolas de pensamento como a Psicanálise, Behaviorismo, Gestaltismo, Humanismo e Cognitivismo. Essa aula se faz importante na construção do aprendizado do aluno, pois, possibilitamos um encontro com essas teorias para além de suas práticas clínicas, comumente mais apresentadas. Em "Os Primeiros Laboratórios e a Autonomização da Psicologia: Escola, Trabalho e Clínica", analisamos a transição da Psicologia de uma disciplina experimental em laboratórios para uma prática autônoma em diferentes contextos práticos.

Discutimos na aula "Formação em Psicologia e Regulamentação da Profissão", o caminho trilhado em prol da regulamentação da profissão que se firmava como acessória a outras áreas do conhecimento como a Medicina e a Educação, bem como também o desenvolvimento dos currículos de formação em Psicologia. Na aula "Psicanálise, Psicologia Clínica e Psicologia da Saúde", apresentamos o crescimento gradual do movimento psicanalítico no Brasil e buscamos entender junto aos alunos como a perspectiva de saúde em Psicologia surge atrelada ao fazer psi entre a Medicina e a Educação.

Em "Psicologia Social no Brasil e na América Latina" e "A Crise de Relevância da Psicologia", exploramos como a área se desenvolve no Brasil e as particularidades da crise teórica e metodológica que se instaura no contexto brasileiro, em seus diferentes contextos sociais e culturais. Na aula "A Profissão de Psicólogo e suas Transformações (e Permanências) Históricas" a proposta da disciplina é analisar as continuidades e rupturas na profissão ao longo do tempo, incluindo transformações nas práticas, teorias e contextos de atuação.

Estudamos as reformas do âmbito da saúde no Brasil a partir da aula "Reforma Psiquiátrica e Reforma Sanitária", focando nas mudanças estruturais e políticas que influenciaram a prática da Psicologia e a Saúde Mental, área que emerge na Saúde Pública a partir da década de 1980 e que abre campo para o trabalho da Psicologia. Como um complemento, a aula sobre a "Psicologia Comunitária", é uma proposta para discutir suas origens e formas de atuação e como elas buscam promover Saúde Mental e o bem-estar em contextos comunitários.

Ao finalizar a disciplina com a aula sobre "A Psicologia Brasileira e seus Desafios Contemporâneos", examinamos os desafios contemporâneos enfrentados pelos psicólogos brasileiros, incluindo questões éticas, políticas e sociais que afetam a prática e a formação. Essa disciplina, ao fechar o ciclo de disciplinas de História da Psicologia na graduação da UERJ, proporciona aos estudantes uma visão abrangente da evolução histórica da Psicologia ao longo do século XX, permitindo o desenvolvimento do conhecimento a respeito das transformações que caracterizam

o campo atualmente e seus desafios.

Impressões e vivências do estágio docente

O conteúdo programático é ministrado por meio de aulas expositivas, que o estagiário docente acompanha, fazendo perguntas e auxiliando o professor a orientar os alunos. Além disso, o estagiário deve escolher um tema para expor – pode ser uma única aula ou mais. Apesar da graduação ser repleta de trabalhos em grupos onde precisamos apresentar trabalhos oralmente, estar em frente a uma turma para exercer, mesmo que temporariamente, a função de professor, nos coloca numa tensão diferente, resultado dos questionamentos apresentados ao longo deste texto sobre: como ser professor sem se formar professor? Como ocupar este lugar de saber/poder? Ainda que exista uma tensão e falta de resposta para determinadas perguntas, a obrigação de estar em sala de aula, seja para dar uma aula ou fazer o acompanhamento da turma, nos aproxima da História da Psicologia de uma forma que muitas vezes não encontramos em outras universidades, haja vista a influência do Laboratório Clio-Psyché na formação da disciplina. Entendendo que o programa do qual partimos é de Psicologia Social, não temos em nossa grade curricular um caráter histórico enfatizado, logo, esse contato com a disciplina também serve, de certa maneira, como uma formação complementar à pós-graduação. Para além das aulas expositivas, cujo conteúdo foi explicitado acima, um importante trabalho do estagiário nas disciplinas de História da Psicologia se encontra na correção de trabalhos e resenhas que compõem o processo avaliativo do semestre. Participar do processo de correção enriquece o estágio em docência, pois, para além do exercício de um olhar crítico sobre a escrita do aluno, a leitura dos escritos, além disso, nos coloca em contato com as percepções dos discentes recém-chegados à graduação no que concerne à História da Psicologia. Ainda neste sentido, uma das tarefas da correção é detectar possíveis plágios e ensinar ao aluno o que é um plágio e como evitar fazê-lo, via citação.

Uma nova questão que estamos enfrentando diante disso é a utilização de inteligências artificiais que auxiliam na escrita dos trabalhos. Sobre isto, estamos pensando em como fazer com que esse uso não seja visto como um inimigo da academia, visto que seu uso está posto, mas buscamos pensar com os alunos os malefícios desses recursos diante de uma formação que é moldada a partir de muitos trabalhos escritos durante a graduação. De todo modo, esse retorno dos alunos em forma de trabalho nos ajuda a pensar de onde o nosso ensino está partindo, como estamos caminhando e impactando os alunos a partir das disciplinas e para onde pretendemos ir nesse processo de ensino-aprendizagem.

A respeito da articulação entre ensino e extensão, em conjunto com o Laboratório Clio-Psyché, uma das atividades propostas na disciplina é a participação dos alunos no Cine Clio-Psyché, projeto do laboratório que visa construir debates a partir de filmes que sejam atravessados por temáticas históricas e psicosociais. Acompanhar as sessões enquanto estagiário docente se tornou importante para en-

tender que o processo de ensino-aprendizagem em História da Psicologia acontece também fora do ambiente ‘controlado’ da sala de aula. A interação efetiva dos alunos nos debates demonstra o potencial do ensino da história quando contextualizado no dia a dia dos alunos.

Por fim, uma terceira estratégia da disciplina para tirar a História da Psicologia do espaço único da sala de aula são os passeios oferecidos como atividades complementares. Os passeios são realizados no centro do Rio de Janeiro (1º período) e na Pequena África (2º período). No primeiro passeio, caminhamos com os alunos pelo que conhecemos como ‘Rio Antigo’, onde, ao circular por rastros de um histórico colonial, monárquico e republicano que deixou marcas na arquitetura da cidade, também conseguimos pensar coletivamente sobre como a Psicologia brasileira foi sendo construída em meio àqueles espaços. Já no segundo semestre, onde trabalhamos em sala de aula sobre relações raciais e História da Psicologia no Brasil, percorremos o Circuito da Pequena África, localizada na região portuária da cidade do Rio de Janeiro, indo do Cais do Valongo – lugar onde as pessoas escravizadas desembarcavam – até o Cemitério dos Pretos Novos.

Pensando que a participação no passeio não é viável para todos os alunos, por razões territoriais e financeiras, esta não é uma atividade obrigatória da disciplina. Entretanto, para o aluno que se dispõe a participar, foi solicitado, no meu período enquanto estagiária, um relatório das suas impressões pessoais a respeito do passeio. Nesta aula fora do formato e do espaço tradicionais, os alunos demonstraram como a experiência de se aproximar de locais históricos lhes permitiram estabelecer direta ou indiretamente, relações entre o conteúdo teórico aprendido em sala de aula e a realidade física e histórica da cidade. Ao caminhar pelos locais históricos e discutir suas relevâncias, os alunos participaram ativamente do processo de aprendizado, tornando-o mais interessante e facilitando uma compreensão mais profunda.

Ao explorar esses locais e discutir sua importância, os alunos são incentivados a pensar criticamente sobre como a história molda a sociedade e as formas de fazer ciência, questionando narrativas históricas e considerando diferentes perspectivas, enriquecendo o nosso arcabouço teórico a respeito da História da Psicologia.

Conclusão

Ao apresentar, neste artigo, um relato de experiência de uma estagiária docente, entendendo as estruturas da pós-graduação brasileira, podemos pensar que ainda temos muito a caminhar. No que diz respeito às disciplinas, entendendo o papel da história para a construção de uma identidade profissional, as matérias apresentadas são fundamentais para alunos recém-chegados na graduação, desempenhando um importante papel na construção de suas bases teóricas. Essas disciplinas, ao proporcionarem uma compreensão histórica e epistemológica da Psicologia, nos auxiliam enquanto estagiários docentes a entender como é o processo de ensino ao apresentar a história de uma ciência e profissão.

Se, no primeiro período, focamos em entender a emergência da Psicologia enquanto ciência, desde as concepções de alma até a Revolução Científica, no segundo período, preocupamo-nos em entender as transformações ocorridas ao longo do século XX e as consequências nas práticas contemporâneas, entendendo que investigamos o passado para entender o presente. Ao estudar a história e a evolução da Psicologia, os estudantes aprendem a questionar e avaliar criticamente as diferentes abordagens e suas aplicações práticas, promovendo uma formação reflexiva, crítica e contextualizada.

Quando retornamos à prática docente, como se afirma ao longo deste trabalho, o estágio docente é, de fato, uma ferramenta essencial para introduzir o pós-graduando em sala de aula. Entretanto, só a experiência prática gera uma formação empobrecida no que tange à docência. Ao refazer o caminho do curso, foi possível perceber que há pouco contato com disciplinas formativas no âmbito do ensino, gerando assim uma insegurança no discente que, com a pós-graduação, busca habitar também o espaço de docente. O planejamento curricular, a legislação, o processo ensino-aprendizagem, metodologias são, de fato, aprendidos principalmente no contato com os alunos e orientadores que lecionam a disciplina escolhida.

Por fim, entendendo que para ensinar é preciso aprender, o contato com asementas que durante dois períodos contam a longa – e, por vezes, pouco conhecida – História da Psicologia, para além de nos abastecer enquanto historiadores da Psicologia, nos mostra um possível caminho para entender a nossa prática e os caminhos para um ensino da História da profissão que seja útil e atual para a formação em Psicologia.

Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: ciência e profissão*, 32, 44-65. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Bastos, A. V. B., Tourinho, E. Z., Yamamoto, O. H., & Menandro, P. R. M. (2011). Réplica 1 – formar docentes: em que medida a Pós-Graduação cumpre esta missão?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 1152-1160. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000600011>
- Bomfim, E. M. (2003). *Psicologia Social no Brasil*. Edições do Campo Social.
- Brasil. (2004). Resolução nº 8, de 07 de maio de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08_04.pdf
- Brasil. (2023). Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2023-pdf/>

252621-rces001-23/file

Deliberação nº 003/91, de 05 de junho de 1991. (1991). Autoriza a criação e aprova o Regulamento Específico do Curso de Pós-graduação em Psicologia Mestrado, com Área de Concentração em Psicologia e Práticas Socioculturais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. http://www.boluerj.uerj.br/pdf/de_00031991_05071991.pdf

Féres-Carneiro, T. (2007). Memórias do Curso de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio: comemorando seus 40 anos. *Psicologia Clínica*, 19, 217-225. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100016>

Inácio, A. L. M., Mariano, M. L. S., Franco, S. A. P., & de Oliveira, K. L. (2019). Estágio em docência na pós-graduação: perspectivas acerca da formação docente. *Revista Transmutare*, 4, 1-17. 10.3895/rtr.v4n0.10435

Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: ciência e profissão*, 32, 28-43. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>

Jacó-Vilela, A. M., Barbosa, C. F., Messias, M. C. N., & Degani-Carneiro, F. Que psicólogos queremos formar? (Trans)formações do currículo do curso de Psicologia da UERJ. (2019). In Jacó-Vilela, A. M., Uziel, A. P., Prestrelo, E. T., Messias, M. C. N., Carvalho, R. V. C., & Rocha, V. M. L. M. (Orgs.), *Psicologia na UERJ: 45 anos de história* (pp. 22-43). Eduerj.

Joaquim, N. D. F., Boas, A. A. V., & Carrieri, A. D. P. (2013). Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário?. *Educação e Pesquisa*, 39, 351-365. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000200005>

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Macedo, R. M. S. (2011). Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – 1980-. In Jacó-Vilela, A. M. (Org.), *Dicionário histórico de instituições de Psicologia no Brasil* (pp. 63-65). Imago.

Mancebo, D. (2016). *Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ (1950-1978)*. Eduerj.

Massimi, M. (2001). A Psicologia dos jesuítas: uma contribuição à história das ideias psicológicas. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14, 625-633. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300018>

Menandro, P. R. M., Yamamoto, O. H. & Macedo, L. (2023). Trajetórias, memórias e histórias da pós-graduação em Psicologia no Brasil. In Tomanari, G. Y., Santos, A. A. & Mourão, L. (Orgs.), *Pós-graduação em Psicologia no Brasil: percurso, panorama atual e desafios*. (pp. 15-51). Vetor Editora.

Miez, W. A., & Silva, L. X. de B. (2022). Institucionalização do ensino da História da Psicologia no Brasil: da Reforma Benjamin Constant, ao currículo mínimo e às Diretrizes Curriculares Nacionais. *SciELO Preprints*, 1-21 <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3387>

Parecer nº 977, de 03 de dezembro de 1965. (1965). Definição dos cursos de graduação. Conselho Federal de Educação. <https://www.gov.br/capes/ptbr/centrais-de-conteudo/parecer-cesu-977-1965-pdf>

Santos, C. M. D. (2003). Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. *Educação & sociedade*, 24, 627-641. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200016>

Schwarcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. Editora Companhia das Letras.

Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2018). *Brasil: uma biografia*. Companhia das Letras.

Seixas, P. D. S. (2014). *A formação graduada em Psicologia no Brasil: reflexão sobre os principais dilemas em um contexto pós-DCN*. [Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte] Repositório institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17401>

Silva, R. H. D. R. (2009). Pesquisa e pós-graduação no Brasil (1931 a 2004): considerações históricas. *Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil-HISTEDBR*, 8, 1-25.

Tourinho, E. Z., & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 35-46. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000400005>

Yamamoto, O. H. (2006). Graduação e pós-graduação em Psicologia: relações possíveis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 3(6). <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2006.v3.110>

Nota sobre as autoras:

Isabella Oliveira dos Santos é mestra e doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora no Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché. E-mail:

Ana Maria Jacó-Vilela é doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché. E-mail:

Data de submissão: 15.07.2024

Data de aceite: 14.11.2024